

**A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E O SEXO: GÊNERO, CULTURA E
IDENTIDADES**

Walquiria Farias de Albuquerque¹

wrrfa@oi.com.br

RESUMO

Sabemos que a questão gênero, ainda nos dias atuais, é complexa. No entanto, esta pesquisa tem, por objeto de estudo, analisar posição feminina no desenvolvimento econômico e social no Brasil, iniciando com o presente para entender o passado. Dentro da historiografia brasileira, veremos questões relacionando mulheres de baixa renda e o perfil feminino do Brasil, levando em conta os ofícios realizados como: amas-de-leite, lavadeiras, educadoras, cozinheiras, etc.. Tendo em primeiro plano, as relações de trabalho e seu âmbito social e cultural que envolve os respectivos desdobramentos dessas relações.

Palavras-chave: Mulher, Gênero, Espaço.

RESUMEN

Sabemos que la cuestión género, todavía nos días actuales, es compleja. Con todo, esta investigación tiene, como objeto del estudio, analizar posición feminina lo desarrollo economico y social no Brasil, iniciando con el presente para entender el pasado. Delante la historiografia brasileña, veremos cuestiones relacionando mujeres de baja rienda y el perfil feminino en Brasil, llevando em cuenta los ofícios realizados como: ama de leche, lavanderas, maestras, cocineras, etc.. Tendo em primeiro plano, las relaciones del trabajo y su âmbito social y cultural que envolve los respectivos desdoblamiento desas relaciones.

Palavras-chave: Mujer, Género, Espacio.

INTRODUÇÃO

* Especialista em Ensino de História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE.

Este trabalho de pesquisa voltará para questões relacionadas a essas alterações, transformações e crises, nas províncias do Brasil, principalmente questões econômicas. As transformações e alterações ocorridas nas cidades, no Período Imperial, foram de suma importância para participação da mulher. Tendo como ponto a expansão urbana, a necessidades da população menos favorecidas se estendeu, estando presente a exclusão do sexo feminino, isto sendo um dos itens a se explorar no decorrer da pesquisa. Buscaremos historicizar o trabalho feminino, relativando, desconstruindo e reconstruindo resgatando o que Mary Del Priore afirma como “*os pequenos gestos, as práticas miúdas e repetitivas do cotidiano*”.² Mediante desconstrução na historiografia, dentre ações e reações das mesmas, serão viabilizadas novos “conceitos” do feminino. Ademais, voltados para analisar esse “objeto” de estudo, será destacado a inclusão de mulheres no trabalho, seguindo o que Suely Almeida destaca ao setecentista, “*as estratégias e táticas, implementadas pelas mulheres, mostram novo perfil feminino, que é o de uma mulher que realiza ações e que decide os rumos de sua vida*”.³ Contudo, construindo a imagem feminina como objeto de poder, mostrando-se presente entre diferentes práticas exercidas. Enaltecendo essa “reação” e desviando o uso de valores para “fragilidade feminina”, regido dentre contínuos aparelhos dogmáticos na sociedade, esboçando a população recifense em atividades exercidas, mesmo milimetrado pelo poder da mulher “[...] *que não são apenas proibições, mais corpos investidos e submetidos, feito objetos de saber*”.⁴

Muitas mulheres não se restringiam ao proposto a suposta “liberdade vigiada”, contrapondo opiniões. A proposta não seria refazer apenas o papel da mulher em seu espaço, e sim elevar participação direta e indireta na sociedade, e analisar minuciosamente a documentação e produção historiográfica escolhida, como ressalta a historiadora Mary Del Priore: dentre “*os pequenos gestos, as práticas miúdas e repetitivas do cotidiano*”⁵, teremos um novo olhar dentro da historiografia recifense.

Sabemos da dificuldade em reunir uma **historiografia** para escrita das Mulheres, a pouca existente foram elaboradas por mãos masculinas. As escritas sobre o cotidiano feminino e contribuições no desenvolvimento das cidades, grosso modo, podemos fazer uma

²DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio; In FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto, 1998, p. 235.

³ALMEIDA, Suely. ALMEIDA, Suely. **O sexo devoto**: Normatização e resistência no Império Português XVI – XVIII. Recife: Universitário da UFPE, 2005. p. 186.

⁴ Idem. op. cit. p.183.

⁵DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio; In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto, 1998, p. 235.

análise e dividir em três campos: Primeiro - relacionar os aspectos vinculados à autoridade regente no local e suas abordagens ao conceito de “*ser mulher*”, analisando o antes e durante o Império. Segundo - verificar o cotidiano das mulheres, entre o público e o privado, suas atividades de trabalho realizadas. Por último - seguir no seu âmbito das atribuições atreladas entre as mulheres de baixa renda, sendo elas solteiras casadas ou viúvas.

Alguns estudos históricos estão tendo destaque, com a problemática das mulheres e suas ações na sociedade, questionando diversos contrapontos dentre as principais cidades nas províncias do Brasil. No qual, sabemos que o papel do historiador ir à busca de relacionar o tempo, o espaço com o “personagem” escolhido: Mulheres. Assim, “*tempo e espaço precisam, para serem concretizados e sentidos como “coisas”, de um sistema de contraste [...] no que pode ser estabelecido entre as rotinas diárias e as situações extraordinárias [...]*”.⁶ No qual essas variações serão respeitadas, conscientes que “*o mundo diário pode marcar a mulher como o centro de todas as rotinas familiares*”.⁷ Enfatizando os mínimos detalhes no espaço proposto, o tempo e os “figurantes”, e direcionamos para alguns séculos atrás para fazer a análise referida. O historiador Luciano Figueiredo vê o dia a dia das mulheres vendeiras nos seus conturbados relacionamentos com o mundo da ordem, vida conjugal, prostituições para seu sustento e agrupando-as a várias classes sociais, por fim, a religiosidade, “*sendo esses pontos um lastro imenso de fontes documentais*”.⁸ Não podemos deixar de citar a grande fonte de inspiração de historiadores nacionais e internacionais, lançada por Francisco Augusto Pereira da Costa, levando inúmeros anos de sua vida em colher dados para a formação de escritas de extrema importância para o pesquisador, sendo os “*Anais Pernambucanos*” possuidor de dados imprescindíveis para elaboração de fatos propícios à construção de novos objetos de pesquisa. Entre esses autores, no desenvolvimento da pesquisa, teremos uma sumidade de historiadores para analisarmos as ideias e elaboração na documentação, como Evaldo Cabral de Mello, Pereira da Costa, Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre, Oliveira Lima, Sergio Buarque de Holanda, Laura de Melo e Souza, entre outros que destacaremos na elaboração do Projeto de Dissertação. A leitura embasada nesses e outros autores, nos ajudará definir os fundamentos desta proposta de trabalho, relacionando conceitos de gênero, trabalho, posição social, econômica, etc. Formalizando uma nova visão na História e um novo conceito de mulher para serem discutidos dessa linha de pesquisa.

⁶DAMATTA, Roberto. **A casa & a Rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Rocco. p. 41,42.

⁷Idem.op.cit.43.

⁸FIGUEIREDO, Luciano. **O Avesso da Memória**: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

Conforme citado, inúmeros núcleos urbanos no Brasil Império passaram por explorações nas fontes para reconstrução e enfoque das experiências e participação feminina no âmbito social, cultural, econômico e político, em detrimento de convívio com o universo masculino. O foco para “explorar” na pesquisa, será o Brasil Império, mais precisamente a Província de Pernambuco e o decorrer de seu desenvolvimento, verificando tanto o núcleo urbano no âmbito de produção historiográfica, permitindo a realização de uma sondagem nas principais cidades e províncias. As cidades cresciam, e a expansão voltava-se em direção aos arrabaldes: mesmo com um período turbulento politicamente, a população cada vez mais crescente, novas comunidades surgiam, ruas eram abertas, a alteração da imagem dá-se início. Costumes velhos e antigos se chocavam, e todo quadro da história das mulheres tomando vigor pluralista, abrangendo inúmeras formas e olhares, assim era moldado um discurso do feminino, em que a necessidade falava mais alto. Embasando esses dados e nos direcionando ao passado, buscaremos arrematar um agente histórico trazido para o centro da discussão para entendimento e formulação de novos conceitos, como nos diria a historiadora Sandra Pesavento: “[...] a descoberta dos sentidos é uma invenção dos românticos, tal como essa busca do passado nacional e da escrita de uma história que revele as origens de um povo”.⁹ Com esse novo olhar na História, teremos uma forma de resgatar a historicidade de segmentos socioculturais pouco explorados pela historiografia local, fornecendo subsídios para maior conhecimento da história feminina no “Pernambuco imperial”. Buscando reorganizar essa partícula da mulher em vista uma futura ampliação de ideais, o historiador Durval Muniz nos mostra que *“toda organização do passado é provisória, toda centralidade pode ser descentralizada, toda totalidade em História é uma multiplicidade aberta”*.¹⁰

Para um melhor tratamento do tema, a abordagem será orientada por dois rumos metodológicos. O primeiro é o estudo de como as noções diferenciadas de gênero são atribuídas aos atores históricos. Para um melhor formulação ao tema proposto, a nossa abordagem deve orientar-se por pelo menos dois rumos metodológicos. O primeiro - estudo de como as noções diferenciadas de gênero são atribuídas aos historiadores. Com isso, sendo de fundamental importância, fazer uma reflexão ao que diz o discurso legal, médico, e eclesiástico, possibilitará perceber a sociedade da época e suas regras, sua posição, características comportamentais e práticas ao ponto diferenciado entre homens e mulheres. Neste contexto, teremos que nos atentar ao fator da categoria ‘gênero’, sendo uma construção

⁹PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 20.

¹⁰ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Um leque respira**: A questão do objetivo em história. In. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: A arte de inventar o passado, Ensaios de teoria da História. São Paulo: EDUSC, 2007, p. 154.

teórica recente nas ciências sociais, nos obrigando a adotar uma abordagem mais ampla, vinculando-a a outras categorias de análise, que será apresentada. A categoria de gênero será adotada como um *conceito relacional*.¹¹ Sendo esse conceito, utilizado por Joan Scott, permite-nos afirmar que um estudo dessa natureza não constitui uma história exclusiva ‘*das mulheres*’, mas uma história que também é ‘*dos homens*’, com os quais, essas mulheres conviviam, dividiam sonhos e brigas cotidianas. Ademais, essas abordagens sendo vinculados a construção de identidade, levando a priori análise da cultura, sociedade, economia, etc., no qual, se vinculam diretamente ao foco da pesquisa. Este estudo de gênero não pode ser deixada na tangente, pois, tem-se a necessidade da “ligação” ao espaço e o tempo. Se o intuito do trabalho é mostrar a relação de mulheres como participantes direta na economia do Brasil, Joan Scott afirma, uma das formas da teorização de gênero, como sendo “*uma primeira maneira de dar significado às relações de poder*”¹², ao passo que inicia-se a articulação do poder, assim, dando fundamento a simbologia e “culturais” atreladas a representações simbólicas e mitos, envolvidos na formação de identidade.

O segundo referencial, será o estudo de História Social. Este surgimento, sendo como caminho necessário para desenrolar analítico do tema. Nessa perspectiva, deve-se considerar que há nexos teóricos entre as duas abordagens propostas, uma vez que as identidades de gênero são construídas socialmente e culturalmente. De acordo com Mary Del Priore, argumenta a construção social das práticas e comportamentos diferenciados entre o masculino e o feminino, seja um campo legítimo, no qual, não sendo correto se prender a essa construção, referindo-se à história de gênero e conceitua: “*não podemos confundi-la com a história das mulheres nem, tampouco, obliterar a necessidade de uma história social das mulheres (...)*É preciso fazer uma história erudita, baseada num máximo de informações (...).”¹³ Toda via, baseada nesta perspectiva, o vínculo estabelecido nesta proposta de trabalho entre a história sociocultural e os estudos de gênero permitirá uma observação mais abrangente da experiência histórica das mulheres de baixa renda, sendo elas solteiras, casadas ou viúvas. No entanto, essas abordagens encontra-se melhor elaborado em Eni de Mesquita

¹¹Essa construção relacionada ao conceito de gênero foi elaborada por Joan Scott, que designa as relações sociais entre os sexos: masculino, feminino e o sexo neutro – relações de poder –, embasada na construção social dos papéis dos sexos, pela rejeição das explicações biológicas. Cf. SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica**. Recife, 1991. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.

¹² Idem. op. cit. p. 16.

¹³ DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio; In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo, Contexto, 1998, p. 233.

Samara, mas não constitui o tipo de enfoque mais comum.¹⁴ Um dos trabalhos de estudo da historiadora, aborda a preocupação e reflexão sobre a identidade feminina na América Latina, que depararam-se com os problemas da grande diversidade cultural encontrada. Desse modo, Samara conceitua que “*fica difícil traçar um perfil único de uma “mulher latino-americana” se considerarmos os fatores, tempo, lugar, classe, raça, idade e estado conjugal entre inúmeros outros (...)*”.¹⁵ Todavia, a abordagem, cada vez mais, nos conduz a tomar maior precaução no estudo da identidade de mulheres de baixa renda e suas condições de vida, no ponto de vista social. Por outro lado, evocar essas múltiplas identidades femininas é, antes de tudo, um reconhecimento da complexidade inerente ao tema, que não deve se perder no puro empirismo das fontes, nem muito menos, seguir fazendo meras assimilações ao sexo em questão.

Averiguando as relações estabelecidas entre os sexos, conduzindo a investigação para os componentes raciais, sociais e culturais que interferem no cotidiano das mulheres. Sabemos que, a história sociocultural no Brasil, dentre aos vários pontos, a cultura sendo aderente a submissão masculina. No entanto, “*procurando desvendar a pluralidade de poder da vida social*” [...]”¹⁶, não será mantido na tangente como um dos fatores culturais essa dominação do homem, mediante a “*dominação masculina estaria presente através do tempo e das culturas*”¹⁷, em um sistema patriarcal que perdurou ao longo dos séculos.

Continuando sobre métodos e análise das fontes utilizadas, temos Gilberto Freyre que é pioneiro nas abordagens do desenvolvimento social e “*formação*” da civilização do Recife. Todavia, seguindo a mesma trilha e baseada em inúmeras obras do mesmo, Fátima Quintas caracteriza e reconstitui “*o feminino e o masculino na formação da família brasileira*”¹⁸, fazendo um confronto da sociedade patriarcal, “*ampliando*” a imagem da mulher, sendo essas: “*mulheres capazes de narrar vidas não vividas; mulheres submersas em efígies já apagadas, porém fortes no despertar de novas quimeras; mulheres surpresas diante do advir*”.¹⁹ Da mesma forma que Raimundo Arais, focando “*representações, revestindo-se de simbologias e*

¹⁴Cf. SAMARA, Eni de Mesquita. O Discurso e a Construção da Identidade de Gênero na América Latina, p. 17. IN **Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo, EDUC, 1997. Trabalho em parceria com Rachel Sohiet e Maria Izilda S. de Matos.

¹⁵ Idem. op. cit. p. 17.

¹⁶PISCITELLI, Adriana. Reflexão em Torno do Gênero e Feminismo; In: COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira. **Poéticas e Políticas Feministas**. Ilha de Santa Catarina: Santa Catarina: Mulheres, 2004.p.46.

¹⁷Idem. op. cit. p.47.

¹⁸QUINTAS, Fátima. **Sexo à Moda Patriarcal: O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre**. São Paulo: Global, 2008.p. 18.

¹⁹Idem. op. cit. p. 20.

*participando da construção de certas identidades*²⁰, ampliando nossos conceitos, ao se debruçar em sua obra *O Pantano e O Riacho*, nos conduz sua escrita nas ampliações da capital da província de Pernambuco, afirmando que “*uma história social do urbano, que fixa a cidade do Recife como objeto*”.²¹ Descreve que “*a cidade dilatou, no ritmo acelerado, a mancha de suas áreas habitadas*”²². No qual, o entendimento e formas de trabalho das mulheres de baixa renda, possibilitará uma melhor compreensão dessas atividades feminina no período oitocentista. Será dado uma atenção diferenciada, aos anúncios mais indicativos de funções, habilidades, preços dos serviços, bem como fazer uma certa quantificação de mulheres solteiras, casadas e viúvas, participantes de atividades rentável, trabalhando em mercados, tendo um vínculo maior do que o “imaginário”. Com esses dados, o nosso interesse para voltarmos-nos para questões socioculturais do espaço e o tempo escolhido.

Tendo embasamento nos relatos de historiadores, já citados, ainda é pouca a escrita historiográfica nessa temática, porém as análises já realizadas, no decorrer dos anos, assumem uma visibilidade importante sobre a mulher, em que, os profissionais enfrentam alguma dificuldade no alcance das fontes comprobatórias e os registros documentais. Muitos se encontram dispersos, mesmo assim, os poucos existentes foram escritos por homens, ademais, salientamos que “*ao escolher o tema para pesquisar, o historiador, antes de tudo, terá que compreender e ser capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde fala e da elaboração de investigar*”, como relatou Michel De Certeau.²³ Ademais, o papel do historiador se amplia a cada trabalho de pesquisa, pois teremos que avaliar os discursos e, no decorrer da investigação, dialogar e problematizar as fontes.

Assim, buscaremos fazer junção de ideais, fontes e lugares, ocasionando o imaginário para reflexão na pesquisa, “*quando a história se torna, para o prático, o próprio objeto de sua reflexão*”²⁴, pois, a própria variedade dos registros surge para melhor resgate da experiência histórica dos agentes sociais, assim, resurge a concepção da imagem que “*o historiador se instala na fronteira onde a lei de uma inteligibilidade encontra seu limite como aquilo que deve incessantemente ultrapassar, deslocando-se, e aquilo que não deixa de encontrar sob outras formas*”.²⁵

²⁰ ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho**: Formação do espaço público no Recife do século XIX. Recife: História Social, USP. 2004. p.11.

²¹ Ibid. op.cit.p. 11.

²² Idem. op. cit. p.11.

²³ CERTEAU, Michel De. **Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 65.

²⁴ Ibid. op. cit 65.

²⁵ CERTEAU, op.cit. p. 92.

No entanto, seguiremos com as questões tendenciosas no ponto de vista de “*cada sociedade observa a necessidade de distinguir os seus componentes; mas os modos de enfrentar essa necessidade variam conforme os tempos e os lugares*”.²⁶

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Um leque respira: A questão do objetivo em história. In. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História: A arte de inventar o passado, Ensaios de teoria da História. São Paulo: EDUSC, 2007.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde. A Construção da Verdade Autoritária. São Paulo: História Social – USP, 2001.

ALMEIDA, Suely. O sexo devoto: Normatização e resistência no Império Português XVI – XVIII. Recife: Universitário da UFPE, 2005.

ARAÚJO, Emanuel. O Teatro dos Vícios: Transgressões e transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ARRAIS, Raimundo. O pântano e o Riacho: A formação do Espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas, 2004.

CALMON, Pedro. Coleção Biblioteca Básica Brasileira: História da Civilização Brasileira. Brasília, DF: Senado Federal, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.); Domínios da História. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAUFIELD, Sueann. Em defesa da honra: Moralidade, Modernidade e nação no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNICAMP, 2005.

CERTEAU, Michel De. Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FIGUEIREDO, Luciano. O Averso da Memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

----- . Microfísica do poder. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. 51. ed. São Paulo: Global, 2008.

²⁶GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In. GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999, p.171.

- GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: -----, Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999. Cap. 5, p. 143- 180.
- MATOS, Maria Izilda S. de; SAMARA, Eni de Mesquita; SOHIET, Rachel. Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.
- MELLO, Evaldo Cabral de. A Fonda dos Mazombos: Nobres contra mascates, Pernambuco, 1666 - 1715. São Paulo: 34, 2003.
- MELLO, José Antônio Gonçalves de; ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. Cartas de Duarte Coelho a El Rei. Recife: Massangana - FUNDAJ, 1997.
- MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: Entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). História da vida privada no Brasil I: Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007. Cap.4, p. 154-220.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PILETTI, Nelson. História da educação no Brasil. São Paulo: Ática, 1997.
- PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007.
- ; VENÂNCIO, Renato Pinto. O Livro de Ouro da História do Brasil: Do descobrimento à Globalização. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- RAGO, Magareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007. Cap. 17, p. 578-606.
- SAMARA, Eni de Mesquita. Família, Mulheres e Povoamento: São Paulo, século XVII. São Paulo: EDUSC, 2003.
- , A Família Brasileira. 4. ED. São Paulo, Brasiliense, 1998.
- , O Discurso e a Construção da Identidade de Gênero na América Latina. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOHIET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.114p.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Recife, Prefeitura da Cidade do Recife, 1995.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. História da FAMÍLIA no Brasil Colonial. Botafogo, RJ: Nova Fronteira, 1998.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a bóia-fria. In: PRIORE, Mary Del. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2007. Cap. 16, p. 554-577.
-

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del. História das mulheres do Brasil. São Paulo: Contexto, 2007. Cap. 11, p.362-400.

STUDART, Heloneida. Mulher: Objeto de cama e mesa. 13. ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1982.

VAINFAS, Ronaldo. Tropicó dos pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

----- . Moralidade Brasílica. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). História da vida privada no Brasil I: Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.
